Estante – O Banco de textos da CBJE
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
WWW.camarabrasileira.com e
WWW.camarabrasileira.com.br
Abril/2015

Autor: Wagner Dias de Souza
Nascido em Nilópolis - RJ, num dia 26 de outubro, escreveu o seu primeiro poema aos 14 anos. Retomou a motivação para escrever anos mais tarde, em outubro de 2010, durante os ensaios para um recital em homenagem ao poeta espanhol Miguel Hernández, acontecido na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e no Instituto Cervantes.
A partir de 2012 começa a participar das seletivas para as antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE), tendo várias poesias e alguns contos publicados, o que lhe rendeu os títulos de Acadêmico Honorário da Litteraria Academiae Lima Barreto e, mais recentemente, de Membro Emérito da CBJE.

Contatos:

e-mail: 37wagner@globo.com
http://minhasoltapoesia.blogspot.com.br
https://www.facebook.com/wagner.souza.35110

Revisão do autor
Produzido em 02 de abril de 2015

Esplendorosa

O rosar desta flor espetaculosa
Reporta-me à tua imagem esplendorosa,
Encantadora, saborosa, do riso cativante
E do penetrante olhar fulgurante.

Cintilantes cores hibernam em minha memória.
Olor asséptico, sereno e pleno de harmonia
Tantas vezes almejado ao longo desta vida...
Em teu doce mirar, o gostoso sabor da vitória

Do sonho concretizado
De uma família estruturada
No amor pleno esperançado.

Libélulas no embalo do odor desta flora
Despertam-me desta doce ilusão amorosa.
Lindo onírico, como as pétalas desta rosa.
////

No silêncio

O silêncio me agrada
O silencio me encanta
O silêncio me espanta
O silêncio me aguarda.

Em silêncio ouço o nada
Quem muito fala com tudo acaba.

Em silêncio penso mais
Com silêncio vou distante
Do silêncio enxergo tudo
No silêncio sou astuto.

Fé com que nada se abala
Paciência necessária.

O silêncio vem de Deus
O silêncio vem da vida
O silêncio mora em mim.
No silêncio feito um querubim.
///

A verdade sincera

Verdade que te quero inteira,
Verdade que te quero virgem,
Verdade que te quero matreira,
Verdade que te quero madura,
Verdadeira, sem compromisso com juras.

Verdade que espera,
Verdade que esclarece,
Verdade sincera,
Verdade altaneira.

Verdade da alegria,
Verdade que elucida,
Verdade que não desespera,
Verdade que ensina.

Verdade que convém,
Verdade que atrapalha,
Verdade que machuca,
Verdade que ajuda.

Verdade que alimenta o saber,
Verdade que sustenta a retidão,
Verdade que evita o sofrer,
Verdade que espanta a ilusão.

Verdade que refrigera o pensamento,
Eleva o conhecimento.
Verdade que mata a mentira,
Desmascara o sofisma.
Verdade que dá contentamento,
Que sirva de exemplo.

Verdade que me arde,
Não quero sofrer.
Ainda que mais velho,
Hei de vê-la prevalecer.
Verdade que te amo,
A sós te quero ter.
///

Vivo poeta

vivo está
o morto poeta,
porque viva
fica a sua poesia.

sua palavra
persiste, pervive
existe, insiste
em resistir.

sobrevive porque
o seu lirismo
eternamente viverá,

continuamente respirará.

inspirará outros
poemas com novos
poetas chegando,
ideias vibrando.

morto o poeta,
eterno ficando
sua palavra perpétua,
corações emocionando.
///

Mulher para o progresso

Mulher não só pra sexo,
Mas pra ser tratada com afeto.
Mulher pra ser muito feliz,
Serei seu eterno aprendiz.
Mulher pra grande parceira,
Minha eterna conselheira.

Mulher não pra objeto,
Mas pra ser mãe de nossos rebentos.
Mulher para o progresso
Porque é forte; conhece o exato momento.
Mulher pra ser cuidada e servida,
Melhor valorizada e compreendida.

Mulher pra ser mulher e
Nos libertar dos desterros,
Eliminando todos os preconceitos,
Feminina, muito mais emancipada,
Sem deixar de ser prendada
E nunca perdendo a formosura que só dela é.

Mulheres brasileiras, mulheres espanholas,
Mulheres de todas as pátrias, agora,
Perante vocês curvo-me em reverência,
Porque admito ser um homem rude
A reconhecer a tua grandeza, admirar a tua nobreza,
Quase nunca reconhecidas por este mundo de avareza.
///

Pequenas demonstrações

O amor:
amar o criador e
do próximo sentir sua dor.
O amor é cultivar uma planta,
incentivar uma árvore e admirar o beija-flor.

O amor é não se revoltar com o teu destino,
saber esperar até o objetivo alcançar.
O amor é não desencantar,
é seguir progredindo,
se renovar.
///

Certeza

A única certeza
que tenho na vida
é a de que um dia
terei que deixá-la.

Uma certeza
que guardo de muitas vidas
é a de que a vida ficará viva
e sempre viverá.
///

Noite solar

Estrelas piscam
Ao luar
A iluminar
Minha inspiração
Em suspiros
A contemplar
O céu lunar
Brilhante noite solar
Bela noite de luar.
///

A casa quarenta

Quarenta me recebe em sua casa
Nela adentro sem receios
Ainda que não a conheça.

Já adentrei em três outras casas
E mesmo sem conhecer direito o seu dono
Fui muito bem recebido e tratado.

De cada casa saí
E deixei as portas abertas
Para o possível retorno.

Uma década de vida desejo nesta casa
E quero conhecer a cinquenta, a sessenta...
A oitenta será uma honra...

Ambiciono a centésima casa com lucidez
Mas se essa porta não se abrir para mim
Parto feliz rumo ao espaço
Onde as casas são infinitas
E não há cronologia.

El koch

Num luzidio ensolarado céu azul,
Iluminado dia do outono de alegria,
Nublado e sombrio o pulmão esquerdo.
Bactérias a invadi-lo, sugerindo o medo,
Breve louco insano e descabido desespero,
Medicamento logo a mandá-las pro chuveiro.
///

Pós-Koch

Em dia que a nuvem o céu nublou,
Pulmão esquerdo clareou.
Medicamento funcionou,
Bactéria se apavorou,
Sequer chuveiro esperou.
Acuada, sua morte antecipou;
Outra, destino igual tomou;
Outra, com inveja, minguou.

Alegria como um raio voltou,
Vida com novo colorido ficou.
No canto da boca o sol apontou,
Linda nobre rosa flor desabrochou,
Borboleta faceira anunciou,
Garboso beija-flor confirmou
Que a primavera retornou...
E o meu amor se renovou.
///

prima...vera

...e vem ela!
consigo, as flores proliferam
gérmen pro futuro se projeta
rosas brancas abertas
olor calmante impera
alegria concreta.

chegou ela!
época de florescer
sentimento nobre, secreto
grandeza de acontecimento
nobreza sem tristeza.

¡mira! ¡que bela!
chafariz de harmonia
tempestade de esperança
do amor que se eleva
higienizando o coração da terra,
prima...vera.
///

Todo dia

Dia dos índios é todo dia,
Dia dos pais todo dia é,
Dia das mães todo dia deve ser.

Todo dia é dia da vida,
Do amor todo dia deveria ser,
Todo dia é dia do abraço, do beijo e do sorriso.

Dia dos namorados?
Todo dia é...

Dos que se gostam... desejam-se.

Dispenso os dias.
Vivo hoje, agora,
Já... Sempre neste instante.

Viva todo dia!
///

bonita

morena, bonita menina
seu sorriso majestoso
seu olhar delicioso
teus lábios formosos
e de um abraço afetuoso
meu coração está encantado por você

encanto esse que contaminou a minha consciência
tirando o freio da minha razão
optando por admitir, aceitar essa súbita paixão
que inundou de vez meu coração

não é coisa de carne
muito menos de pele
sentimento maduro e terno
que vai fundo no meu coração

pra você não projeto sexo
mas sim o afeto
o sexo como consequência do afeto
da vontade de ficar ao seu lado por um tempo....
indeterminado.
///

O mar de Marina

o mar de marina é marinho
o mar de marina é carinho
o mar de marina é bonito
corre deslizante alva, doce, por entre as águas
[salgadas.

o mar de marina é lindo
o mar de marina é vivo
o mar de marina é frio
verdejantes ondas, por vezes calmas, invadindo a
[minha alma.
o mar de marina é encantador
o mar de marina é deslumbrante
o mar de marina é retumbante
cintilante castanho olhar mirando-me desafiador.

o mar de marina é bendito
o mar de marina é querido
o mar de marina é infinito
embarco os meus olhos em suas ondas de liberdade...
[saudade.
em suas verdejantes ondas de liberdade,
embarco com os meus olhos de sonhador
no doce sagrado mar de marina.

o mar de marina tem sol. é verão, calor, coração.
é copa, carioca, espanhola, portuguesa... internacional.
sua infinita água é transcendental.

o mar de marina é amar
sem tristeza, sem torpeza ou avareza.
o mar de marina é calmo, por vezes revolto
o mar de marina é sagrado, é pacato... solidário.

libertos olhos a procurar, a vagar, desejando encontrar
o mar de marina não tem ódio.

coração ameno,
o mar de marina é lunar,
clarear, alegrar, gargalhar.

o mar de marina é gostoso, é formoso... jeitoso
o mar de marina é carinho, é bonito, é marinho
o mar de marina é bendito, é sagrado... amoroso.

o mar de marina é azul
o mar de marina estará sempre no mar...
e jamais se findará.
///

Lua cheia / Lua nova

Lua cheia da claridade prata,
Iluminando a escuridão dos vales e das matas.
Natural beleza sem explicação
Enche os meus olhos de dia em pleno apagão.

Lua nova, escuridão eclipsar,
Onde nada se vê além de um fio de luar,
Quando as estrelas deixam de coadjuvar,
E que aos poucos, lua volta crescente,
Até se encher e clarear totalmente.

Fenômeno espacial abrangente
A repetir-se periodicamente,
A cada ciclo, natural rotina,
Sete dias, aproximadamente.

Lua cheia
Imensidão que ilumina... clareia.
Lua nova
Onde as estrelas brilham... cintilam.

Insofismável natureza
Da qual o homem jamais
Teria igual destreza para
Construção de tal beleza.

Soberana natureza.
///

Presente poesia

Querida, menina...
Amiga querida,
morena sabida.
De presente dou-te
a minha poesia.

Amiga morena...
Ainda que não goste,
ausência de problema.
Não esquenta,
nem pensa...

Dispensa.
///

Da menina para o menino

Menino amado,
amigo solidário.
A ti entrego, sem embargo,
o meu coração solitário.

Almejo logo resolver,
falar-te sobre minha decisão,
externar essa doce revelação
de contigo gerar um novo ser.

Sagrada deliberação no meu alvorecer,
junto a ti quero sentir o sol esquentar,
muito aprender me conhecer

esclarecer-me da verdade
do prazer; prová-lo sem rejeitar,
sonhar com os pés no chão da realidade.
///

Meu destino é o universo

Meu destino é o universo
não somente este planeta
conhecerei outro processo
adentrarei em cada estrela.

visitarei outros planetas,
estudarei novos gametas,
passearei pelas galáxias
descansarei em bela praça.

Solitário, confiante, arriscarei
conquistar outros amigos
e a cada um de seus vizinhos.

Completamente livre interagirei
com outras coisas, outros sóis...
novos conhecimentos surgindo.
///

Rescaldo de um carnaval

Alô comunidade!
Povo alegre do sorriso brioso
Que transborda dignidade

Alô meu padrinho!
Patrono contraventor
Valeu pelo nobre resplendor
Abre-alas salvador

Alô meu presidente!
Que dita o andor
De uma gente obediente
Vivente noutro continente
Gratos pela gorda subvenção

Carnaval é povão, é graça, calor, emoção.
Não tem mais peso o baluarte?
Dinheiro agora abafa a livre arte.
///

ao rio de janeiro

primeiro
de março
amanheço em
turvo espaço
de janeiro
num rio
pós-fevereiro
de abril a maio
o ano inteiro
de amor
festejo.
///

Esse Natal

Ternura que pulsa em coração meu,
Mesma ternura a brotar em coração seu.
Alegria do nascimento, tempo de perdão.

Os sinos dobram anunciando a novidade,
Celebrando a felicidade da chegada do messias.
Esplendorosa estrela ecoando a grande anunciação.

Grande família confraternizando sublime
[acontecimento,
Cicatrizando feridas, num nobre congraçar de alegria,
Renovando votos de saúde, de paz e de harmonia.

Tempo de relembrar o maior dos nascimentos.
Com Ele ressurge a prosperidade, o bom humor,
[o afeto...
... A fraternidade e o amor eterno.

Num trocar de presente perpétuo...
Esse natal eu quero.
///

Fragmentos de um terno sentimento

Trago no peito os mais sinceros sentimentos,
Não sabendo se vou materializá-los a contento.
Vou te gostando no meu tempo,
Isento da pretensão do teu reconhecimento,
Livre da ilusão do teu acolhimento.

Sigo a intuição de um dia te reencontrar.
Simplesmente não impeço o meu gostar.
Quero diariamente te olhar, te abraçar,
Sentir o teu falar, admirar o teu discursar...
Mas a isso não vou me apegar.

Prefiro livre prosseguir meu caminhar,
Mirando o céu constelação vou contar,
Iluminado por um esplêndido luar,
Cada estrela que apontar um sonho a se realizar.
Em cada um desse sonhar, sempre presente você
[estará.
///

Do amor que brota

Minha mente fervilha renovação.
Mudar, estudar, aprender
Não odiar, não matar. Perdoar!
Amor, princesa dos lindos dentes metalizados
Por ti não entrarei em desespero
Desejo-te quieto
Respeitoso e sincero.

Minha mente inquieta te namora
Depois te ignora...
E depois te namora
...E te devora...
...e depois se apavora
Namora a devota
O amor que brota.
///

Chorando por dentro

estou
chorando
por dentro
chorando
estou
por dentro
chorando
por
dentro
estou
chorando
chorando
por dentro
por dentro
estou
estou
chorando
choran...
chor...
xô.
///

Vozes que ouço

Vem de mim? Vem de nós? Vem de quem?
Ouço vozes.
Vozes que não são minhas, vozes que não são tuas.
Vozes que ouço vindo de fora, não vendo quem as
[emitem.
Dizem coisas dissonantes, ideias discordantes,
Verdades que não são ditas ou reconhecidas.
Escuto-as, mas não sei de onde vêm.
Será do vento? Da escuridão onde nada se vê?
Pergunta sem resposta.
Vejo e não tenho medo. As respostas haverão de surgir.
Rancor, tremor, horror...
Dizeres obscenos... Um mar de xingamentos!
Tudo isso vem de mim?
Isso tudo tem haver comigo?
Remédio não me acalmou.
Correm inquietos meus olhos a procurar,
De um lado para o outro sem nada enxergar.
Mais remédio e não sossego!
As vozes silenciam por um momento.
Depois voltam a me rondar.
Será minha consciência a gritar?
Ouço vozes.
Não sei de onde vêm.
Porém, invisíveis na minha mente proliferam palavras,
Dizeres invisíveis em meu ouvido sensível.
Vem de mim? Vem de nós? Vem de quem?
Ouço vozes.
///

Um novo dia para Ozório

Sexta-feira, 23 de setembro de 1977. Amanhece mais um dia na rotineira vida de Ozório. Ele se levanta, se banha, se barbeia, toma café, escova os dentes, se arruma e sai para a labuta. Chega ao trabalho e cumprimenta seus pares:

- Bom dia, pessoal!

Estranha o fato de ninguém o responder como de costume. Mas o corre-corre daquela repartição o faz não ligar muito para esse detalhe. Senta-se à sua mesa e inicia suas atividades burocráticas.

Num dado momento, Leocádia, sua colega, estranha a ausência do companheiro:

- O que terá acontecido com o Ozório? Ele nunca se atrasa. Realmente - responde Juarez, seu chefe. Vamos dar mais um tempo. Tão logo termine de despachar esses documentos, tentarei um contato com ele.

Sem entender muito bem, Ozório comenta:

- Mas já estou aqui há um tempão! Isso é alguma pegadinha? - Ninguém o responde.

Do nada, surge na repartição um homem alto, calvo, esbelto, elegante, trajando um bem cortado terno cinza:

- Bom dia, Ozório!

- Bom dia! Como entrou aqui?

- Pela porta.

- Sim, mas não é permitido entrada de pessoas estranhas ao serviço. E depois, eu não me lembro de conhecê-lo.

- Falei para a recepcionista que você é filho de um grande amigo e que precisava muito lhe falar. Ah, esqueci de me apresentar. Sou Honório, a seu dispor.

- Mas o meu pai já morreu. E não me recordo de tê-lo visto lá em casa entre seus convidados.
- Certamente eu já estive lá. Provavelmente não se lembra de mim... Ou simplesmente não tenha me visto mesmo.
- Humpf! Mas que história é essa de estar a minha disposição? Não estou precisando de empregado. Além do mais, tenho que continuar o meu trabalho, senão serei advertido pelo meu chefe.
- Garanto que ele não se importunará com a minha presença. E não vim me oferecer para trabalhar aqui. Vim lhe trazer uma informação importante.
- Como assim? Por acaso ganhei na loteria? Mas eu nem jogo! Já sei! Receberei uma herança de um parente distante que eu não conheço.
- Você não percebeu nada de diferente hoje ao acordar, Ozório?
- Não. Sempre faço tudo igual. Tão rotineiro, que já ficou automático.
- Mas hoje você chegou atrasado, o que não é de seu costume.
- É. Realmente cheguei atrasado. Ih! Será que foi por isso que ninguém respondeu ao meu bom dia?
- Não creio. Mas por que chegou atrasado?
- Aconteceu algo estranho. Eu fazia sinal e o ônibus não parava. Só consegui entrar num coletivo quando outro passageiro fez sinal. Entrei junto com ele. É fato também que o trocador não cobrou a minha passagem. Parece que estava distraído. Cumprimentei-o, mas ele não me respondeu. Fez cara de paisagem...
- E como está o seu coração?
- Bem... Terminei um longo relacionamento com uma namorada. Fiquei triste. Mas já passou.
- Não, não me refiro ao campo afetivo, mas ao seu estado clínico.

- Está ótimo! - contesta um já apreensivo Ozório.
- Mas por que você está me fazendo tanta pergunta? É algum psicólogo? Repórter disfarçado? O que quer de mim?
- Estou quase chegando lá.
- Então seja breve, que tenho muitos afazeres.
- Você se olhou no espelho hoje?
- Ah, essa não!!! Eu sei que não sou bonito...
- Não, não falo de beleza. Pergunto se conseguiu se enxergar enquanto fazia a barba?
- Mas é claro que sim!
- Então vá ao banheiro, lave o seu rosto e depois se olhe no espelho.
- O quê? A minha cara tá suja?
- Não, não está.
- Eu hein! Tudo bem. Não deveria, mas eu vou. Não sei porque, mas esse teu jeitinho engomado passa seriedade, a ponto de eu concordar com essa ideia estapafúrdia.

Segundos depois, volta Ozório assustado:

- Não consigo abrir a torneira. É como se ela fugisse das minhas mãos. Também não vejo minha cara no espelho. Que brincadeira é essa?
- Não é brincadeira. Você agora vive um novo estágio.
- Que conversa é essa? Olha, quer saber? Esgotou o seu tempo. Passa amanhã. Meu chef... Ué, cadê todo mundo?
- Foram para a sua casa.
- Como para a minha casa? Estou aqui.
- Vamos até lá e logo entenderá.

Já em sua residência, Ozório vê seu corpo deitado na cama, um médico o examinando e seus companheiros observando.

- Ei! Como posso estar ali, se também estou aqui?

- Você sofreu um infarto enquanto dormia. Sua diarista, ao chegar pela manhã, percebeu que você ainda não havia se levantado. Ao tentar lhe despertar, notou que você não respirava e imediatamente providenciou socorro.

- Quer dizer então que...

- Exatamente!

- Mas não sinto nada no coração. Além do mais, hoje pela manhã fiz tudo normalmente...

- Os teus hábitos rotineiros o fizeram crer que estava tudo normal. Mas a realidade é que ninguém aqui, a não ser eu, consegue te enxergar.

- Então foi por isso que eu fazia sinal e o ônibus não parava, que o trocador não cobrou a minha passagem e ficou com cara de paisagem...

- Perfeitamente!

Durante o velório, ele assiste seus amigos, irmãos, vizinhos e comenta:

- Somente 34 anos. Toda uma vida ainda pela frente. Um bom emprego, casa, amigos... Não poderei mais usufruir essas conquistas. Por que agora?

- Meu caro, são coisas inevitáveis da vida. Hoje para ti raia um novo dia. Para uns acontece cedo, para outros mais tarde... O importante é que você está aqui, firme e forte, observando o quanto é querido por aqueles que estão a te homenagear.

- Não sabia que eu era tão querido assim! Então era essa a informação que você tinha pra me dar?

- Sim! Essa é a minha função.

- Você é de fato amigo do meu pai?

- Somos grandes e velhos amigos.

- Onde ele está agora?

- Trabalhando em um grande projeto.

- Como sempre! Não perde esse hábito - diz sorrindo um já mais tranquilo Ozório.

- E quando vou poder vê-lo?
- Em breve.
- Mas, mudando de assunto, me diga: vou poder ficar na beca assim que nem você?
- Mas é claro, meu nobre! E o melhor: de graça. - Ambos caem na gargalhada.
- Para onde vamos agora?
- Para a sua nova casa. Tem gente boa te esperando lá.
- Quem?
- Calma! É surpresa.

///

Histórias de uma vida numa tarde de outono

Eu me chamo Carlos e tenho 63 anos. Aqui, sentado na praça, numa bela e ensolarada tarde de outono, observo as crianças brincando sob os atentos olhares de suas babás... Época de transformação, quando as árvores vão, aos poucos, perdendo suas amareladas folhagens, que caem aos montes, dando outro aspecto ao chão... e mais trabalho aos responsáveis pela manutenção deste local. Sentado aqui, olhando os futuros adultos se divertirem despreocupadamente, lembro que um dia já fui como eles. Quando criança, minha mãe sempre me levava para passear no parque. Era filho único. Fiz muitos amiguinhos, que se tornaram amigões, parceiros de longa data. Tive uma vida de alegria até aos sete anos de idade, quando minha mãe saiu de cena. Morreu de forma repentina, me deixando órfão, sem nada, sem norte e com um profundo corte: a saudade. Foram anos de muitas dificuldades. Filho de mãe solteira e pai desconhecido – pelo menos eu não o conhecia e era ainda muito novo para fazer tais

questionamentos a ela. Sofri enorme preconceito por naquela época ser um filho de pai não declarado. Perambulei de casa em casa, de parente em parente... Estudei em escola pública, que naquele tempo era de boa qualidade.

Tive um final de infância e início de adolescência de altos e baixos. Comecei a trabalhar cedo para me sustentar, afinal, era um sem família que vivia de favor. Tinha que contribuir para poder me alimentar.

A coisa começou a fluir melhor lá pelos meus 16 anos, quando ingressei na faculdade de engenharia. Consegui minha emancipação e fui morar sozinho, inicialmente numa república próxima à minha universidade. Época de faculdade, muitas festinhas, paqueras... namoros no escurinho do cinema... Inocentes anos.

Nas tardes de sábado eu sempre frequentava os parques para ler, meditar e principalmente estudar. E foi numa dessas tardes que avistei uma menina linda que me encantou logo de cara. Marta era o seu nome. Era outono. Numa tarde amena e ensolarada como essa. Marta era estudante de agronomia da mesma universidade em que eu estudava. Ela também costumava ir àquele parque para estudar. Saímos para lanchar, nos tornamos amigos. Meu encanto por ela chegou a tal ponto que não consegui mais disfarçar e acabei por me declarar e a pedir em namoro. Um ano mais tarde ficamos noivos num sábado de outono. Foi uma festa muito legal, com a presença de amigos, parentes... Fiquei muito contente. Por um momento, esqueci de minha mãe e das dificuldades pelas quais passei com a sua ausência. Houve um período em que passei fome... mas essa barreira ultrapassei com espírito de superação. Terminei a faculdade e me tornei empregado de uma grande empresa estatal.

Casei-me com Marta no dia 24 de maio, mês das noivas, conforme sua vontade. Era noite de outono, agradável, amena. Passamos nossa lua de mel em Campos do Jordão... foi o que deu para arrumar. Dois anos depois nasce, no dia 23 de março (olha o outono aí de novo), o nosso primogênito Márcio. Eu, que nunca tive um pai, agora se tornava pai de um filho homem. Fiz de tudo nessa época: dava banho, trocava fralda, dava mamadeira, deixava-o de pé, recostado em meu ombro para que pudesse arrotar sem dar golfada... só não dava de mamar no peito porque não o tinha.

Três anos mais tarde, nasce uma princesa chamada Mara. Achava que a maior alegria para um homem era ter um filho homem. Mas quando essa menininha chegou, logo de cara me encantou, mostrando-me o colorido que uma filha traz para a vida da gente. Ah, esqueci de dizer a data em que ela veio à luz: 24 de abril, às 15:30, uma chuvosa tarde de… outono.

O tempo passou e no seu decorrer, minha família viveu alegrias, tristezas... Teve uma época em que eu e Marta tivemos uma crise tão aguda no casamento que pensamos no divórcio. Mas ao olhar para trás e ver a beleza que foi o início do nosso relacionamento, que no seu decorrer aconteceram muito mais coisas agradáveis do que ruins, concluí que não deveria pôr fim em algo tão maravilhoso por banalidades. Sentamos, conversamos, revivemos a nossa história e vimos que seria muito infantil de nossa parte acabar com tudo por causa disso. Não, não foi traição. São coisas de um longo relacionamento que ás vezes se cansa. A convivência é algo difícil e num casamento duradouro, muitas vezes entramos no “piloto automático”, sem se perceber, sem se dizer... Marta e eu descobrimos que o amor estava assentado em

nossos corações e que seria doloroso para ambos a vida em separado. Nossos filhos cresceram, se formaram e se encaminharam na vida. Mara casou, tem dois filhos e vive em Londres. Já o Márcio continua solteiro. Diz querer “viver a vida” antes de formar uma família. Tem a sua independência, mora sozinho. É engenheiro como o pai.

Com os filhos criados e encaminhados, Marta e eu passamos a viajar muito. Conhecemos lugares que não pudemos conhecer na juventude. Viajamos pelo Brasil e alguns países da América, Europa e Ásia... Praticamente demos a volta ao mundo nos últimos anos.

Um dia, Marta se queixou de uma forte dor de cabeça. Achamos que um analgésico resolveria e nunca mais nesse assunto se tocou. Mas houve outra ocasião em que a dor veio mais forte e ela desmaiou... e nunca mais acordou. Foi medicada, fez alguns exames e ficou internada... em coma. Dias depois o diagnóstico: aneurisma cerebral.

E na tarde ensolarada do dia 30 de maio, Marta partiu desta vida rumo ao infinito. Eram os últimos dias de outono. Fui para o parque onde nos conhecemos. Sentado num banco fiquei meditando, observando as árvores recompostas, prontas para encarar o inverno... e revendo a minha vida num acelerado flashback...

Justamente hoje, numa tarde de outono, recordo essas histórias. Lembranças de fatos acontecidos em vários outonos. Outonos que me trouxeram alegrias, tristezas... realizações, emoções. Tudo, majoritariamente, na época desta admirável estação, que antecede o inverno e substitui o verão.

///

À procura da dona Inspiração

Um escritor angustiado bate à porta de seu vizinho:
- Toc, toc, toc.
- Pois não.
- Ehhhh... bom dia! Sabe o que é? Estou procurando a dona Inspiração. Ela está?
- Esteve aqui, mas já foi embora. Ficou de voltar... Só não disse quando. Quer deixar algum recado?
- Não, obrigado. E a Sra. Transpiração? Ela está?
- Ela deu uma saidinha, mas volta logo. O Sr. quer esperar?
- Ah, quero sim.
- Tenha bondade. Sente-se aqui.
- Obrigado.
- Aceita um chá?
- Aceito, sim.
- Vou providenciar. Enquanto isso se esforce. A Sra. Transpiração logo, logo aparecerá.
- Obrigado.
E o escritor, sentado à escrivaninha do vizinho, começa a rascunhar um texto.
///

O menino de bom coração

Sentado no alto da pedra, diante do mar, ao cair da tarde, olhar tristonho e distante, estava um menino a meditar. Até que se aproxima um senhor, muito conhecido no bairro em que ambos viviam. Admirado com o ar de tristeza do menino a quem sempre avistava alegre, perguntou:
- Olá menino! Que cara é essa? Por que a tristeza no olhar? Aconteceu alguma coisa?
- Nada não, tio.

- Ora! Você não me engana. Sempre o vejo sorrindo e feliz. Até nos momentos mais difíceis! Conta,vai! Que se passa nesse coração?
- Sabe o que é tio, estou apaixonado.
- E isso lá é motivo para se entristecer, menino?
- É que ela não me dá atenção. Escrevi poemas, mostrei pra ela. Tentei dizer... Mas a timidez não me deixou. O máximo que consegui foi um abraço e um beijo... No rosto (fala com um ar tristonho). Tenho por ela um carinho especial. Quando a vejo, me imagino casado com ela. Imagino nossos filhos, nossa casa... A gente caminhando junto numa mesma direção... É um sentimento que não lembro ter sentido na minha vida!

Com um sorriso paternal, o senhor, já sentado do lado do menino, o envolve num abraço:
- Hehehe! Liga não, seu bobo! Sinal de que ela não te merece, uma vez que não consegue enxergar a beleza de seu coração. Ela não sabe o que está perdendo! Um menino apaixonado, que imagina boas situações com a mulher que ama: casa, filhos, uma vida em comunhão, em parceria, feliz, merece uma placa de bronze em praça pública, pois nos dias atuais, as relações afetivas estão cada vez mais banais e efêmeras, pautadas na posse e nas sensações. A menina que não aceitar sequer conhecer melhor um garoto assim como você, está fadada ao sofrimento, ilusão, depressão... Porque no fundo almeja uma vida que não é real.

Menino apaixonado! Alegra-te, pois tens algo muito precioso batendo aí dentro de seu peito: um coração amoroso, maravilhoso. Não te revoltes, não mudes teu jeito de ser. Siga em frente. Quem sabe um dia você não conquiste o que mais deseja? Ou quem sabe ela mesma, com o tempo, lhe dê mais atenção? Você é jovem ainda. Tens muito chão para percorrer nesta vida. Ânimo, rapaz!

O senhor se afasta e o menino continua no alto da pedra a contemplar o mar. Agora com um sorriso de alegria e com os olhos brilhando de esperança de um dia conseguir realizar o seu grande sonho.

///

Encontro da tarde

Coisas do coração que nem sempre há explicação... Um encontro de amizade que termina romântico.

Arantes é um simpático rapaz. Estudioso, sonhador, romântico (ele não gosta de reconhecer esse seu lado) e muito tímido. Toda menina pela qual se apaixona, logo projeta casamento, lar, filhos... uma família unida e feliz. Talvez seja por falta de uma maior convivência com os pais biológicos. Sua mãe morreu muito jovem - ele tinha apenas 6 anos - e seu pai, traumatizado com o ocorrido, desapareceu e nunca mais mandou notícias.

Durante um curso de pós-graduação, Arantes conhece Sheila, uma bela jovem, inteligente e falante, que iluminou o seu coração. Disfarçadamente, ele não tirava os olhos dela. Ficou encantado com seus cabelos encaracolados. Mas não tinha coragem de para ela revelar sua paixão. Optou pela simples amizade. É o preço da timidez!

O tempo passa e o curso chega ao fim. Na pequena confraternização de despedida, todos da turma tiram fotos, trocam endereços eletrônicos, redes sociais, combinam se encontrar num dia desses qualquer... E nada de Arantes chegar à menina. Continuou escondido na trincheira da amizade.

Passaram-se alguns meses e nada de reencontro da turma. Arantes continuava apaixonado. Volta e meia se perdia em seus oníricos pensamentos:

- Como seria bom concretizar esse desejo: uma casa, um bom emprego... uma bela esposa e nossos filhos brincando num amplo quintal com jardim... Ah, o amor!

Subitamente ele “acorda”, cai na realidade e conclui que se não revelar o seu interesse pela menina amada, ela nunca o saberá, tornando impossível a realização de tal sonho. Foi então que decidiu procurá-la através do correio eletrônico:

- Oi, Sheila! Como vai? Há tempos que não nos vemos. Bem que podíamos marcar um dia para nos encontrarmos. O que me diz? Saudade ☺.

abraço.

Arantes.

Sheila, para surpresa de Arantes, aceita o convite:

- Olá, Arantes! Menino, faz tempo que a gente não se vê! Saudade Tb (rs). Vamos marcar sim! Pra mim é melhor domingo à tarde. Tem alguma sugestão de lugar?

bjo.

Sheila.

- Caraca! Ela tá com saudade de mim!!! – fala em pensamento um exultante Arantes. Ele não esperava que a resposta fosse tão satisfatória. E feliz da vida responde a Sheila:

- Beleza! Que tal a praia de Ipanema, no quiosque do Chico? Conhece? A gente toma uma água de coco e conversamos um pouco. Às 16h, no próximo domingo. Td bem?

abraço.

Sheila responde positivamente:

-Conheço sim. Eu topo! Então, estamos combinados. Próximo domingo, às 16h, no quiosque do Chico.

Arantes ficou muito feliz. A garota platonicamente paquerada durante um ano aceitou sair com ele. Tímido que só, conteve a euforia e passou a considerar o evento como “um encontro de amigos”.

No dia marcado, foram pontuais. Chegaram quase que simultaneamente. Cumprimentaram-se, sentaram-se à mesa com bela vista para o mar. Bebericaram água de coco e conversaram amenidades.

- E aí? Como é que você tá, menino?

- Tô bem. Estudando, trabalhando e lendo muito.

- Sobre o que gostas de ler?

- Ah... leio um pouco de tudo. Gosto muito de biografia, romance, livros sobre história, jornal, revista... tudo que me atrai, eu leio.

- Eu já não gosto de romances. Prefiro livros de história, filosofia... e sou vidrada em livros de ficção.

A conversa fluiu tão bem que os dois decidiram continuar o diálogo caminhando. E saíram a caminhar pela orla de Ipanema até chegarem ao topo da pedra do Arpoador.

- Gosta de caminhar? - pergunta um surpreendentemente descontraído Arantes.

- Adoro. Sempre que possível caminho. É excelente para manter a forma. Aliás, prefiro caminhar a pedalar. Caminhar me dá mais liberdade. Se eu quiser parar num quiosque, tomar um suco ou água de coco e admirar o mar, dar um mergulho... com a bicicleta é sempre mais complicado. Tem que encontrar um lugar para estacioná-la. Sem contar que pedalar muito dói a bunda.

- Oi?

- É. Dói a minha bunda (risos). O selim da minha bicicleta é desconfortável.

- Eu também prefiro caminhar. Quase todo domingo de manhã caminho do forte de Copacabana até o final da praia do Leme. Vou pela areia, deixando as ondas do mar banharem meus pés descalços. Ouvindo música então... não tem preço! (risos).

- Eu gosto do Leme. Às vezes vou lá com minhas amigas. A gente se deita na areia, no cair da tarde. Ouvimos boas músicas e contemplamos o céu azul quase marinho, o desenho transparente da lua, parecendo um decalque, anunciando que, à noite, ela vai brilhar. Acho lindo!

- Mas aqui do alto da pedra do Arpoador também é tudo de bom. Ver o mar, as pessoas, as montanhas, o corcovado e o Cristo lá longe, o pôr do sol... é legal.

- Também acho.

E lá no alto da pedra, em silêncio ficam admirando deslumbrante paisagem. As ondas do mar, o sol num quase poente... Sentam-se de frente para o mar. Contemplam as ondas chocando-se com as pedras, sentem a suave brisa da tarde e o som marinho. Sheila encosta a cabeça no ombro direito de Arantes. Ele a envolve com o braço direito e juntos admiram o nobre espetáculo da natureza.

Passado algum tempo, ela se vira para ele e o encara com ternura. Ele timidamente também a encara. Surge um brilhar nos olhos de quase marejar. Os lábios se aproximam e se tocam, num belo beijo romântico. Se levantam, se abraçam forte. Namoro aflorando.

Final feliz? Viverão uma linda história de amor? O convívio responderá.

Será que vão se casar e terão filhos, conforme Arantes sonhara?

Só o tempo dirá.

O dia do Juízo final

Ariosvaldo é um pacato rapaz, temente a Deus, seguidor de uma seita apocalíptica que, baseada num certo calendário, somada a interpretação de seu líder, previa o fim do mundo para o dia 21 de dezembro de 2012. Todos aqueles que não fossem seus seguidores e não comprassem uma vaga na sua grande Barca que salvaria parte da humanidade, sucumbiriam junto com o planeta Terra, que simplesmente seria destruído. Assim pregava o tal líder em seu templo:

-Queridos fiéis. Nos aproximamos do final dos tempos. Do fim mundo que, segundo as sagradas escrituras, será no dia 21 de dezembro deste ano de 2012. É chegada a hora da separação do joio e do trigo. Os que estão à esquerda de Deus, serão destruídos e os que estão à Sua direita, serão salvos. Fui ungido por Ele para guiar Seus fiéis até a terra prometida, na Barca que está sendo construída no alto do monte sagrado. Preciso da colaboração de todos vocês, para a conclusão deste empreendimento. Contribuam com tudo o que puderem, pois são vocês, financiadores desta grande obra, que terão acesso a esta obra de Deus.

Todos os presentes aplaudiram entusiasmados.

Paty, noiva de Ariosvaldo, apesar de gostar muito do noivo, não digeria essa história:

-Ari! Até quando você vai ficar com essa paranoia de fim de mundo?

-Paranoia? Está nas sagradas escrituras. O fim está próximo. E Jesus voltará para levar os que nele creem... É o juízo final!

-E para ser salvo é preciso seguir essa seita? Que exclusividade é essa?

-Não é exclusividade. Nosso líder foi escolhido por Deus para montar a grande Barca que acolherá uma parte da humanidade, que sobreviverá a grande destruição.
-Meu Deus, Ariosvaldo! Estamos no século XXI, com uma avançada tecnologia a nossa disposição... E você vem com essa história de que um homem irá salvar parte da humanidade com uma barca? E que todos aqueles que quiserem se salvar tem que pagar para ser salvo? Cadê a lógica disso?
-Querida, o que vem de Deus não deve ser questionado. O que está nas sagradas escrituras deve ser seguido. E eu acredito no que nosso líder nos diz.
-Meu Jesus!
-Ele Salvará!
-Tudo bem. Não vamos mais discutir mais sobre isso por hoje.
-Você deve se decidir logo, querida. Senão terei que partir só.
-Você seria capaz de...
-Sim!
-Meu Deus!
-Ele Salvará!

Flávio é um rapaz mais racional. Cristão, mas sem religião. Acredita em Deus, mas se recusa a crer nessa coisa de destruição do planeta em segundos, no dia 21 de dezembro de 2012. Apaixonado por Paty, sabe que a concretização dessa paixão seria algo quase impossível, devido o carinho que esta sente pelo noivo. Mas ele nutria um fio de esperança de um dia, quem sabe? Poder externar para ela o seu terno sentimento.

O tempo passa. Chegamos ao dia 20 de dezembro, véspera do fim do mundo. Os fiéis seguidores do tal líder preparam suas bagagens para

embarcarem na tal Barca. Ariosvaldo dá um ultimato a Paty, que se recusa terminantemente converter-se a tal seita e por consequência, ter o direito de seguir na barca. Determinado e cego pela crença, Ariosvaldo simplesmente se despede da noiva e segue o seu rumo:

-Querida, sinto, mas tenho que partir. Tudo fiz para te convencer a embarcar comigo... Mas você é quem decide. Não posso colocar minha vida em risco.

-Esse é o amor que sentes por mim? Vai me deixar sozinha, abandonar-me só porque não concordo com a sua crença?

-Eu te amo, querida! Mas Deus está acima de tudo. Adeus.

-Adeus!

Neste mesmo dia, Flávio e Paty se encontram por acaso na rua, conversam e ela se interessa por ele. Flávio, ao contrário de Ariosvaldo, pauta seu raciocínio pela lógica, ciência e filosofia, qualidades que encantaram Paty. Como o noivo terminou tudo com ela crendo que nunca mais se veriam após a “destruição do mundo”, decide então dar uma chance ao novo pretendente.

No suposto derradeiro dia, expectativa. Fiéis já na barca da salvação aguardando a hora da partida. E os que não tiveram tal privilégio, continuavam o seu cotidiano de simples mortais...

...E o dia 21 de dezembro passou e nada de destruição se confirmou. Os fiéis da seita, desolados, desembarcaram. O tal líder religioso sumiu. Fugiu sorrateiramente com o dinheiro arrecadado dos fiéis para um lugar que ninguém sabe, ninguém viu. E o pobre Ariosvaldo retorna para casa, todo sem jeito. Eis que avista Paty e Flávio de mãos dadas, num passeio romântico na aprazível pracinha da cidade:

-Paty?
-Ariosvaldo! O que faz por aqui? Não estava decidido que o mundo ia se acabar e você e seus fieis seguiriam para a terra prometida?
-Pois é! Houve uma falha nas previsões.
-Esse é meu namorado, Flávio.
-Mas já? Nem bem terminamos e já arrumou outro? Que rapidez!
-Sabe o que é, Ari? Não queria ficar sozinha e desamparada no derradeiro momento de vida aqui no planeta. O Flávio é um amor de pessoa. Explicou-me de maneira coerente e racional que seria muito difícil o nosso Planeta se acabar assim, de repente, do nada. Aí, me apaixonei! Estamos namorando.
-Só uma pergunta Ariosvaldo: Se o planeta fosse mesmo destruído, onde ficaria essa terra prometida?
-!!?? Err... Nosso líder não nos disse - responde um Ari muito sem graça.
Depois dessa, seguiu cabisbaixo para casa.
É! O mundo não se acabou... E Ariosvaldo sozinho ficou.
///

Fim do quê?

Do Japão me avisaram,
Fim de mundo não concretizado,
Novo mundo já começado,
Sejamos bem mais civilizados.

Indignos nós

Como dito pelo poeta
Naquela bonita canção,
Tempo passa e não para,
A mesmice não se acaba
E verdade não se apaga.

Corrupção periga se tornar
Virtude nesse mundo pagão.
///

Cristão

Na minha visão,

Cristão ama sem moderação,

É o que consente sem reclamação,

Está ciente da importância do perdão,

Concede sem pretensão de compensação,

Tem comportamento que transcende a religião,

Compreende, mas não reivindica compreensão,

Trabalha duro na reforma de seu próprio coração,

Revida acusação com o silêncio, equilibrando a emoção

e

Entende que o maior não é aquele com mais poder de aquisição.